

A HISTÓRIA DO PEDRITO COELHO



TM

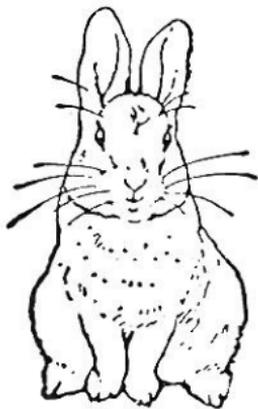
BEATRIX POTTER

VERBO



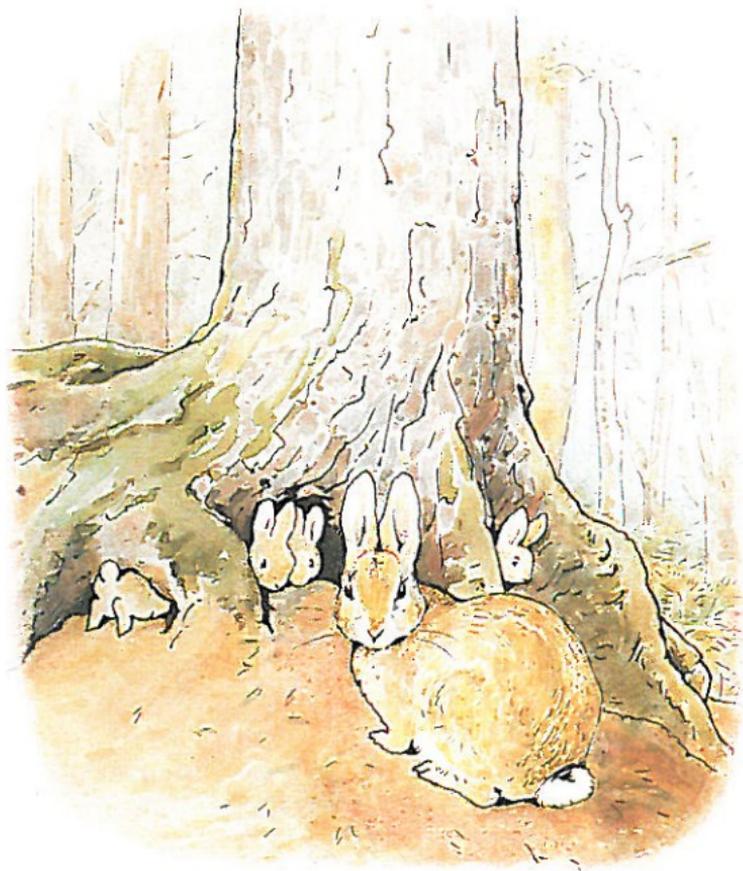
A HISTÓRIA DO
PEDRITO COELHO

de
BEATRIX POTTER



Editorial VERBO





ERA uma vez quatro coelhinhos
que se chamavam

Flopsi,

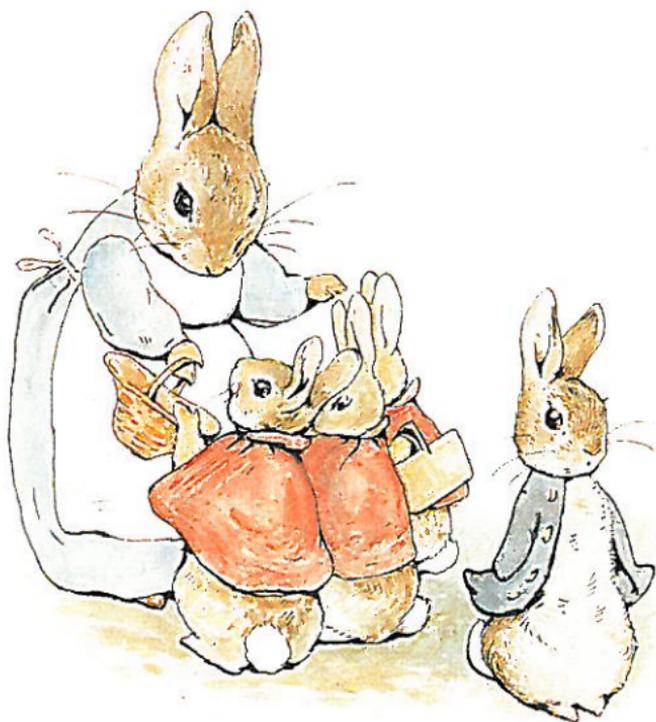
Mopsi

Rabinho-de-Algodão

e Pedrito.

Moravam com a mãe numa duna,
por baixo da raiz de um abeto muito
grande.

— OIÇAM, filhinhos — disse certa manhã a Senhora Coelha —, podem ir para o campo e para a azinhaga, mas não entrem na horta do Senhor Gregório, onde o vosso pai foi apanhado: a Senhora Gregória meteu-o num empadão.





— **A** GORA vão correr à vontade, e
não façam maldades. Eu te-
nho de sair.

ENTÃO, a Senhora Coelha pegou num cesto e na sombrinha e, atravessando o bosque, dirigiu-se à padaria. Comprou um grande pão de centeio e cinco pãezinhos com passas.





FLOPSI, Mopsi e Rabinho-de-Algodão, que eram uns coelhinhos muito bem comportados, foram colher amoras na azinhaga.

MAS o Pedrito, que era muito maroto, correu direito à horta do Senhor Gregório e esgueirou-se por baixo da cancela!





PRIMEIRO, comeu alfaces e alguns
feijões, e a seguir comeu rabane-
tes.

DEPOIS, sentiu-se um bocado
agoniado e foi à procura de
salsa.



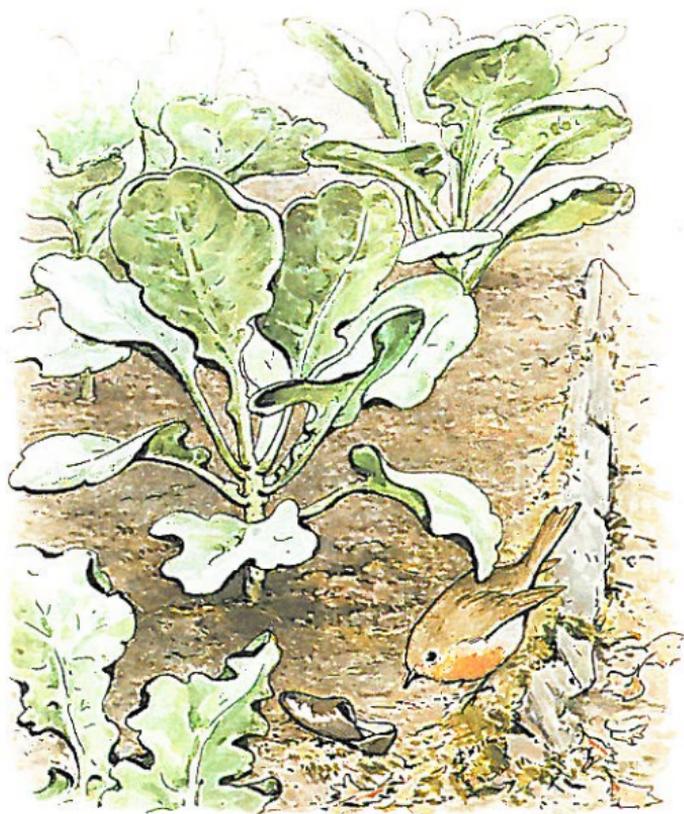


MAS ao dar a volta à estufa dos pepinos, quem havia ele de encontrar? Nem mais nem menos que o Senhor Gregório!

O Senhor Gregório estava de gatas a plantar couves, mas deu um salto e deitou a correr atrás de Pedrito, brandindo um ancinho e gritando a bom gritar:

— Pára, ladrão!





PEDRITO ficou assustadíssimo; andou às voltas na horta, porque não se lembrava do caminho que ia ter à cancela. Perdeu um dos sapatos no meio das couves e o outro no meio do batatal.

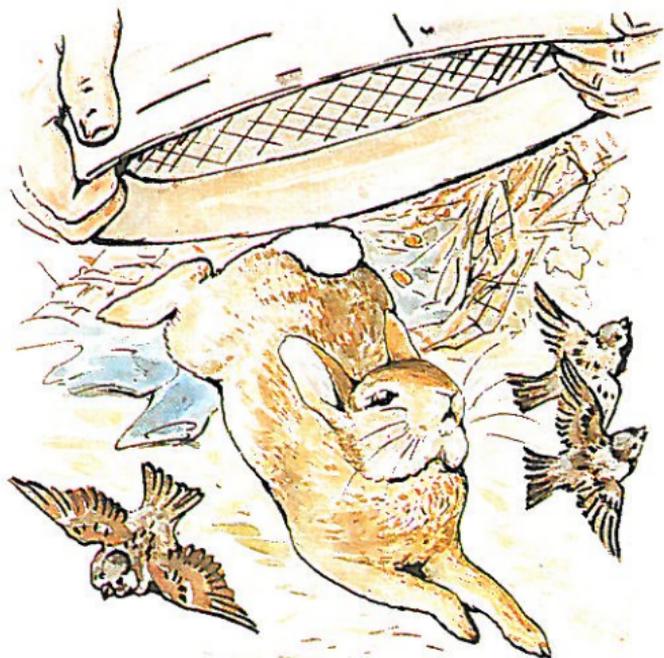
DEPOIS de os ter perdido, correu a quatro patas e muito mais depressa e podia ter-se ido logo embora, se por pouca sorte não tivesse caído na rede das groselheiras e ficasse preso pelos grandes botões do casaco. Era um casaco azul com botões de metal, novinho em folha.





PEDRITO sentiu-se perdido, e desatou a chorar com lágrimas enormes, mas os seus soluços foram ouvidos por uns pardais simpáticos que voaram para o pé dele muito aflitos, pedindo-lhe que fugisse.

O Senhor Gregório apareceu com uma peneira na intenção de a deitar de repente em cima da cabeça do Pedrito, mas Pedrito escapuliu-se mesmo a tempo, deixando ficar só o casaco.





E fugiu para o barracão das ferramentas, pulando para dentro de um regador. Teria sido um bom lugar para se esconder se não tivesse tanta água.

O Senhor Gregório tinha a certeza de que Pedrito estava dentro do barracão, metido em qualquer canto, talvez escondido debaixo de um vaso. Começou a virar os vasos todos, cautelosamente, e a espreitar por baixo de cada um.

De repente o Pedrito espirrou: atchim!

No mesmo instante o Senhor Gregório correu atrás dele.





E ia já a pôr-lhe um pé em cima, quando Pedrito saltou por uma janela, fazendo cair uns vasos de flores. A janela era pequena de mais para o Senhor Gregório passar, e ele já estava cansado de correr atrás do Pedrito. Voltou então ao seu trabalho.

PEDRITO sentou-se a descansar; estava sem fôlego e a tremer de medo, e não fazia a mais pequena ideia do caminho a seguir. Também estava encharcado por se ter metido naquele regador.

Passado um bocado começou a ci-randar por aqui e por ali, tic tic tic, sem correr mas a olhar para todos os lados.





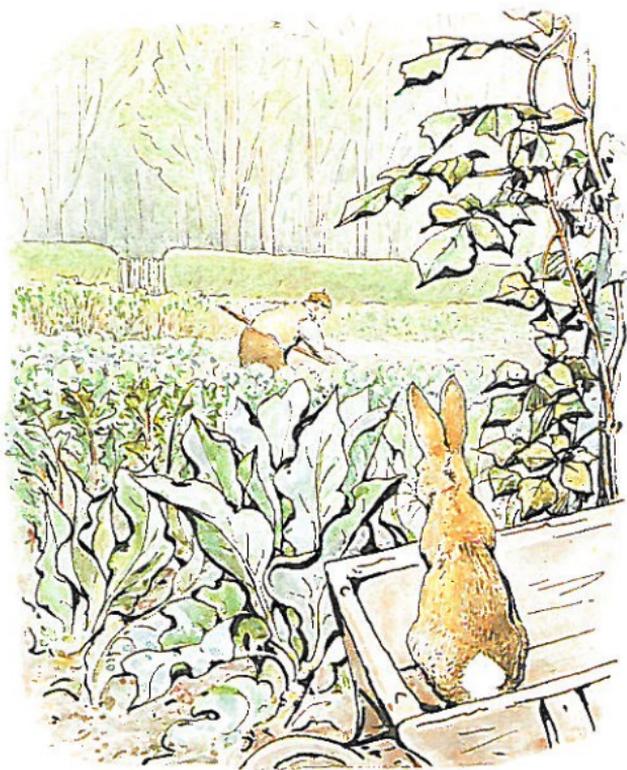
DESCOBRIU uma porta num muro, mas estava fechada à chave e não havia espaço para um coelhinho gorducho se esgueirar por baixo dela.

Uma rata velha corria de cá para lá entre a porta e o degrau de pedra, acarretando ervilhas e feijões para a família que morava no bosque.

Pedrito perguntou-lhe o caminho para a cancela, mas a rata levava na boca uma ervilha tão grande que não pôde responder. Apenas abanou a cabeça. Pedrito começou a chorar.

DEPOIS tentou encontrar o caminho para sair da horta, mas cada vez estava mais atrapalhado. De repente, foi ter a um tanque onde o Senhor Gregório enchia os regadores. Um gato branco sentado muito quieto, muito quieto, tinha os olhos fitos nos peixes vermelhos, mas de vez em quando a ponta do rabo remexia como se estivesse viva. Pedrito achou melhor ir-se embora sem lhe falar; tinha ouvido coisas sobre gatos que lhe contara o primo Casimiro Coelho.





VOLTOU para trás na direcção do barracão, mas, subitamente, muito perto de si, ouviu o ruído de um sachó: scr-r-ritch, scratch, scratch, scritch. Pedrito escondeu-se debaixo de uns arbustos. Mas daí a pouco, como nada acontecesse, saiu, trepou para cima de um carrinho de mão e espreitou. A primeira coisa que viu foi o Senhor Gregório a sachar cebolas. Estava de costas voltadas para o Pedrito, e atrás dele ficava a cancela!

PEDRITO desceu do carrinho de mão sem fazer barulho, e deitou a correr o mais depressa que pôde, por um carreirinho ao lado das groseiras.

O Senhor Gregório avistou-o na curva, mas Pedrito não se importou. Deslizou por baixo da cancela, e finalmente estava a salvo no bosque, do lado de fora da horta.





O Senhor Gregório pendurou num pau o casaquinho e os sapatos e fez com eles um espantalho para meter medo aos melros.

PEDRITO nunca deixou de correr nem olhou para trás até chegar a casa, que ficava debaixo do abeto grande.

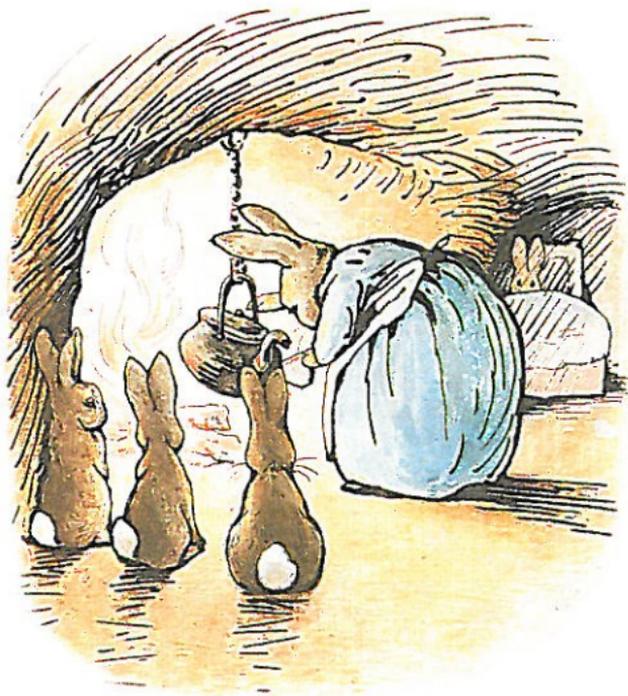
Estava tão cansado que se deixou cair na arcia fofa do chão da toca e fechou os olhos.

A mãe estava atarefada a cozinhar, e cismou no que teria ele feito da roupa. Era o segundo casaco e o segundo par de sapatos que Pedrito perdia em quinze dias!



TENHO muita pena de lhes dizer
que Pedrito não se sentiu nada
bem nessa noite.

A mãe meteu-o na cama, fez-lhe
chá de macela e deu-lhe uma dose.
— Tomar uma colher de sopa cheia
ao deitar.





MAS Flopsi, Mopsi e Rabinho-de-
-Algodão, esses, jantaram pão,
leite e amoras.

FIM

